ANO I N.º 9
Número avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
1 de Agosto de 1933

383

# O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica

Director — SOBRAL DE CAMPOS

Sede — Praça 7 de Março

Na Praia da Polana — Ondinas . . .

# E S C O T I S M O

Em cima e da esquerda para a direita: As «girls guides» do Transvaal com os cadetes mais novos de Benoni e de Lourenço Marques.—Os adjuntos dos Comissários de Lourenço Marques e da Africa do Sul, cumprimentando-se.—Os escoteiros do Transvaal de serviço á cozinha, lavando as caldeiras.—Uma sentinela vigilante, ao pôr do sol.—Os comissários sul-africano e português rodeados dos chefes dos grupos de Lourenço Marques e Transvaal.

# Crónica da Quinzena

Estamos em plena «season» — estes curtos dois ou três meses em que os estrangeiros da visinha União mais nos visitam, fugindo aos rigores do frio e das neves dos seus países e vindo gozar as suas férias na amena temperatura deste nosso fim de inverno que é uma diliciosa primavera, sob um ceu quási permanentemente azul, banhando-se nas águas tepidas e tranquilas da nossa praia, repousando a vista e o espirito no panorama suave da nossa baía, quási sempre doirada por um sol benigno e meigo e bafejada por uma brisa fresca...

Este facto, bem conhecido e apreciado pelos aqui residentes ou por aqueles que já aqui tenham passado esta adoravel e privilegiada época do ano — sem igual, podemos dize-lo, em terras portuguesas do continente — deve causar estranhesa a muitos dos que lá vivem, em Portugal, que têm, decerto, a impressão de que aqui nos encontramos, todos e sempre, sob as inclemencias dum sol implacavel, feitos, positivamente, em «torresmos»... E a esses — aos que, arredados das realidades, assim o pensam e o supõem — deve parecer historia, para não dizer «patranha», esta coisa estranha de rigorosos frios, de brancas neves, de seis e sete graus negativos em terras de Africa, como os nossos visinhos do Transvaal ainda há pouco tempo tiveram...

Pois estamos na «season». Neste ano tem sido enorme a concorrencia dos turistas, e os hoteis e as pensões têm esgotado a sua capacidade, dobrando alguns, ao que nos dizem, o seu pessoal de quartos e de mesa. A par disto, o palmar da Polana, onde todos os anos, nesta estação, os nossos visinhos sul-africanos (os menos abastados ou com hábitos de menor conforto) costumam fazer o seu acampamento de barracas de lona, tem estado tambem muitissimo concorrido, excedendo toda a espectativa e oferecendo um extraordinário movimento e muito curiosos e pitorescos aspectos. Gente das «farmes», gente das minas, e outras, que ali acampam e ali vivem quinze dias, um mês, dois meses, numa revivescencia secular da vida nomada...

Estamos na «season»... Movimento, muitos mais automoveis — só num mês entraram mais de mil — a praia repleta de banhistas, exibição frequente e abundante de nus esplendidos e de deformidades plasticas, bailes constantes no Pavilhão da Polana, passeios, alegria...

Ao mesmo tempo — não é de estranhar — alguns «flirts», mais ou menos complicados, e uma outra paixoneta de rapazes portugueses, dessas paixonetas de praia, já pouco em voga nos tempos de hoje, semi-romanticas, que ás vezes ainda terminam pelo casamento e pelo consequente rancho de pimpolhos nedios e rosados...

Ao fim da «season», na abalada, sempre há um outro coração que palpita, uma ou outra saudade que se manifesta, um ou outro adeus de despedida, como que a dizer: «Até breve! até breve! Não te esqueças de mim!»... Mas quási sempre, tanto eles como elas — e mais elas do que eles — quando o comboio ou o automovel desaparecem numa curva, ou se afastam, numa recta, tornando impossivel essa troca de adeus, quási esquecem as promessas, mutuamente feitas, dum afecto duradouro...

Longe da vista...

* * *

A redução de vencimentos, trazida a esta Colónia pelo novo Orçamento, causou um certo alarme e foi assunto de muitas conversas, queixas e discussões durante a passada quinzena. Há muito que esta medida se impunha e era aguardada, havendo, como havia, alguns vencimentos excessivos, principescos a bem dizer, incomportaveis para a Colónia e ofensivos para as dificuldades quási asfixiantes de muitos.

Mas — devemos dizê-lo — houve exageros em diversos cortes efectuados e não presidiu a essa revisão de vencimentos um salutar equilibrio, um ponderado espirito de justiça. Daí, várias queixas e lamentações razoáveis, a que seria bom atender.

O alarme foi e é grande, especialmente pela brusca mudança de vida a que vão ser forçados vários funcionários tendo que limitar profundamente as suas despesas e que reorganizar, noutras bases, o seu modo de viver, — o que nem sempre é fácil, ou mesmo possivel, se atendermos a que o custo geral da vida não acompanha nunca, imediata ou simultaneamente, a baixa de vencimentos e de salários.

Parece-nos, pois, (e salvo melhor opinião) que houve alem de injustiças evidentes, manifesta precipitação na medida adoptada.

A nosso ver, o que era justo e acertado é que se fizessem as devidas correcções aos erros cometidos nas reduções efectuadas e que, independentemente disso, se estabelecesse um periodo transitorio — de seis meses, pelo menos — em que a baixa dos vencimentos, atingidos em maior escala, não excedesse 15 por cento. Assim, desapareceriam o alarme e a perturbação existentes e daria tempo a que, pela baixa gradual do custo da vida, — porque proprietários e comerciantes têm fatalmente que resignar-se a limitar os seus lucros — o funcionalismo que viu cerceada, agora, a sua capacidade de compra, tivesse possibilidade de se adaptar á nova forma de viver e o pudesse fazer em melhores e mais suaves circunstancias, gradualmente, sem este salto brusco.

* * *

A par da crise em que nos temos encontrado — agora certamente agravada pela redução dos vencimentos do funcionalismo — surgem, á superficie, manifestações artificiais e ilusorias de vida prospera, de bem estar, de boa disposição e de alegria... Tenue camada de verniz, falso brilho doirado, riso disfarçado de «clown», esgare grotesco de civilização... Abriu mais um casino!... Luzes a jorros, criados rigorosamente fardados, jogo, musica, dança, mulheres decotadas, animação, é o que nos apresentam os dois casinos ou «cabarets» — este e o que abriu na quinzena anterior.

Ao atentarmos em tudo isto e na profusão de automoveis que na sua visinhança se movimentam toda a noite, chegamos a esquecer-nos de que vivemos em Lourenço Marques e em tão apertados e dificeis tempos... Dir-se-ia que uma vaga de abundancia nos atirou para uma vida ruidosa de prazeres noturnos, numa grande e prospera capital do mundo!... Mas está bem: ao menos os estrangeiros divertem-se e nós, narcotisados, sonhamos... com grandesas...

* * *

A ultima semana da quinzena foi, sob o ponto de vista desportivo, bastante interessante. Marcaram-a bem a inauguração solene do esplendido campo de jogos e da sede do Sporting Club de Lourenço Marques e as regatas organizadas pelo Grémio Nautico, acontecimentos estes a que presidiu o sr. Encarregado do Governo e a que concorreu numerosa assistencia, francamente interessada por eles. Os desportos, que aqui se cultivam com inteligencia e entusiasmo, constituem uma das nossas mais evidentes manifestações de vida social e são eles que mais e melhor contribuem para que possamos dar, no «Ilustrado», interessantes notas locais, geralmente muito apreciadas. Noutras páginas apresentamos vários curiosos aspectos gráficos dos acontecimentos desportivos, tendo a acrescentar aos já mencionados, as corridas pedestres da volta á cidade e o «torneio relampago» de futebol, que decorreram com interesse.

* * *

A quinzena finda abrangeu o dia 24 de Julho — Dia da «Festa da Cidade» em que se regista a sentença de Mac Mahon.

Algumas comemorações interessantes tiveram lugar nesse dia, sendo de salientar uma lição, sobre a data, na Escola 1.º de Janeiro, uma sessão especial do Grémio dos Radiofilos com uma alocução alusiva do sr. Roque Ferreira e o espectaculo cinematográfico de gala, organizado pelo Scala.

Mas, de todas as comemorações, a mais interessante e a mais completa, foi, sem duvida, a festa realizada na Escola Municipal Paiva Manso, sob a direcção do distinto professor sr. Correia Vilela — director da Escola — que alia á sua paixão pelo cargo que exerce e a que procura dar uma orientação pedagogicamente moderna, uma impressionante modestia e a sensibilidade dum artista.

Não cabe no acanhado ambito desta cronica, salpicada de notas tão diversas, dar a impressão exacta e flagrante do que foi essa festa e o que ela representa de esforço e de tenacidade, se atendermos á falta de meios e de condições do proprio edificio onde a Escola Paiva Manso se encontra instalada.

Apesar de todas essas dificuldades, a festa do dia 24, a que presidiu o sr. Encarregado do Governo e a que assistiram tambem o sr. Director da Instrução Publica e o sr. Presidente da Camara, marcou pelo seu interesse, não só na «hora de arte», como também nos jogos e exercicios ginasticos, alguns destes executados sem hesitações e com equilibrada harmonia de movimentos.

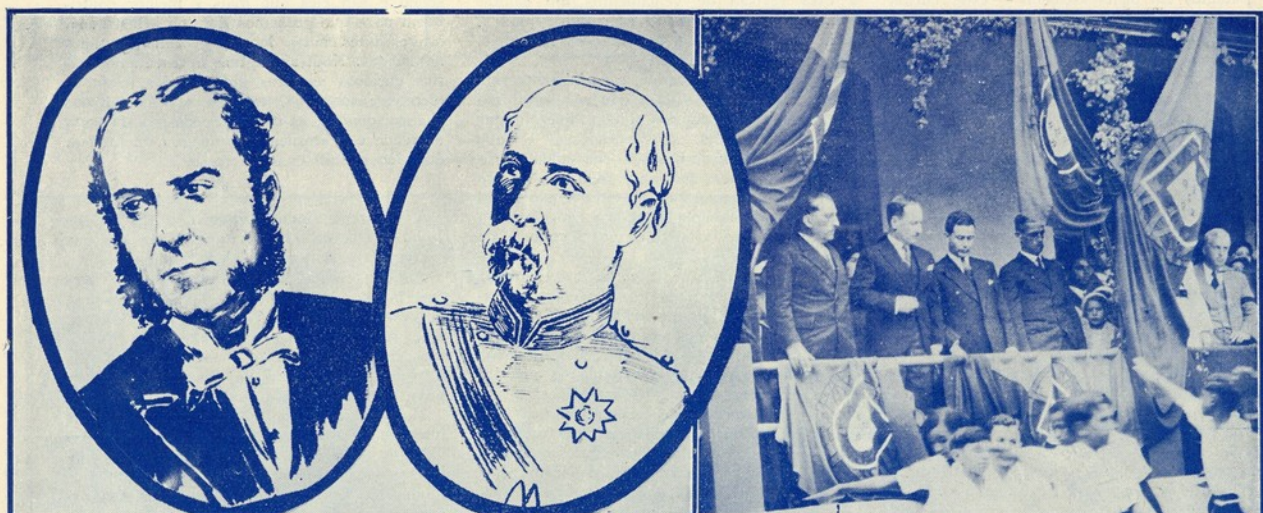
Ao sairmos do Escola, naquele dia festivo apinhado de homens e senhoras que ali acorreram, viemos pensando, mais uma vez, neste grave e doloroso problema: Que destino, que possibilidades de vida, pensam os governos em dar ás 3:000 crianças (mulheres e homens de Amanhã) que já hoje frequentam as Escolas desta cidade? Terrivel ponto de interrogação!

* * *

Não desejamos fechar esta cronica sem registar uma outra nota da quinzena. Queremos referir-nos á conferencia de iniciativa da Sociedade de Estudos e realizada no Scala, na tarde de 22 do mês findo, pelo sr. cap. V. de Waegenaere, vice-consul de Portugal e agente dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques em Pretoria.

A conferencia, que versou sobre a Exposição Colonial de Paris, efectuada no grande parque de Vincennes em 1931 e sobre a Feira Comercial de Versalhes — que teve lugar por essa mesma ocasião — despertou muito interesse, sendo grande a assistencia a ela, muito especialmente por ter sido anunciado que seria ilustrada por numerosas projecções de aspectos desses dois grandes acontecimentos internacionais.

Se bem que para muitos dos assistentes, á parte uma ou outra nota curiosa, a conferencia não tivesse trazido novidades, e não obstante os aspectos exibidos no ecran serem bastante deficientes, não podemos deixar de dirigir ao conferente e á Sociedade de Estudos os nossos cumprimentos.

E bom será, já que começou, que esta Sociedade não fique por aqui, em matéria de conferencias, e que nos dê, com frequencia, mais e melhor, sendo certo que no seu seio conta muitos belos espiritos e reais valores.

# COMEMORAÇÃO
— DO —
# 24 de JULHO
na Escola Paiva Manso

*Nos medalhões: O Visconde de Paiva Manso e o Marechal Mac-Mahon. — O sr. Encarregado do Governo, recebendo na tribuna a saudação dos alunos. — Trez aspectos da assistencia. — Exercicios de gimnastica pelos alunos.*

(Desenhos de Vilela e clichés de Arnaldo Silva)

# O crime da Catembe

## Publica-se uma carta interessante e bem intencionada.—Uma suspensão de quinze dias na nossa reportagem.—A nossa resposta a essa carta: infelizmente este crime não é uma novela.—Estamos proximos da reconstituição da tragédia.

Têm sido numerosas as pessoas, tanto de Lourenço Marques como da Provincia, que nos têm escrito a manifestar o seu interesse pela nossa reportagem e incitando-nos a não desanimarmos. Ainda bem! A par destas cartas, outras temos tambem recebido — essas anonimas — com comentários insultuosos e soêses, ou com gracejos de mau gosto, umas e outras denotando, pelo menos, a falta de educação e um desgraçado nivel mental dos seus autores.

Para os primeiros — aos que fazem justiça aos nossos intuitos e nos encorajam a prosseguir nesta elevada missão jornalistica que nos impusemos — vai o nosso mais sincero e vivo agradecimento. Para os outros... — o nosso desprêzo.

Entre toda essa correspondencia há, porém, uma carta que, pela sua extensão, oportunidade, observação e detalhe, entendemos não dever conservar só para nós e por isso a vamos dar á publicidade. Por este motivo interrompemos, hoje, as nossas considerações para darmos a palavra ao sr. A. V. Gonçalves, que é quem subscreve tão interessante documento:

«Tenho seguido com muita atenção as suas cronicas sobre o misterioso crime da Catembe, a que só o sr. dr. se refere, no meio do inexplicavel silencio geral, até do próprio «Notícias», de cuja empreza depende «O Ilustrado» que V. dirige.

Eu sou daqueles que acreditam em que, na verdade, não se trata duma novela da sua imaginação, tanto mais que nas três crónicas já publicadas sobre este assunto (e especialmente na ultima) o dr. toca em pontos que eu creio piamente que sejam verdadeiros, em presença de factos do meu conhecimento.

Mas (permita-me a ousadia de francamente lho manifestar) compreendo perfeitamente que alguns espiritos tenham sido levados a desconfiar da veracidade do acontecimento e a inclinar-se, por isso, a admitir que se trate duma novela com caracter policial, á semelhança do que ás vezes tem feito, em Lisboa, «O Detective», do que há anos fez «O Século» com «O crime da Rua Saraiva de Carvalho» (que tanto tempo apaixonou a população daquela cidade) e do que, muitos anos antes, fizeram os nossos grandes escritores Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, com os famosos «Mistérios da Estrada de Cintra», que intrigaram e prenderam a atenção de tantissima gente naquela época.

Mas..., se isto sucede, em parte a culpa é sua, sr. dr.

Em primeiro lugar, como já salientei no inicio destas minhas desalinhavadas observações, causa estranhesa que nenhum jornal se ocupe de assunto de tão grande importancia; e mais estranhesa causa que o «Notícias», sendo um diário, dele não trate. Nem uma aluzão, nem uma linha!! Ora, ninguem desconhece que o dr. colabora, várias vezes, nesse diário. E não é fácil de compreender, nem eu sei como explicar, que, podendo V. fazer no «Notícias» essa sua tão interessante e palpitante reportagem sobre tão tragico acontecimento, e fazê-lo com maior sequencia e continuidade, fosse precisamente escolher «O Ilustrado», que sai apenas duas vezes por mês! No intervalo de quinze dias é natural (naturalissimo) que se passem, no respeitante a esse como a qualquer outro acontecimento, muitas coisas que seria justo que se dessem a publico; e não haveria assim o inconveniente de, durante esse tão grande intervalo, aqueles que duvidam da verdade inteira, ou do fundo de verdade que haja nessa reportagem, irem exercendo influencia sobre os que acreditam e desejam ver o caso esclarecido, tornando-se talvez menor o numero destes ultimos.

Tambem V. tem culpa (perdôe-me que lho faça sentir com esta rude franquesa) num outro ponto que considero tambem um grave erro. É este: Vão passados 3 numeros (três!) do «Ilustrado» e, depois de três cronicas sobre o Crime, o publico ainda nada sabe, nem faz uma idea aproximada do que isso possa ser.. Falou-se-lhe num punhal ensanguentado e mostrou-se-lhe uma gravura com uma séta indicando o local onde esse punhal fôra encontrado. Falou-se-lhe no carro da vitima e apresentou-se-lhe uma gravura com um Ford abandonado num lugar qualquer. Apareceu a reconstituição parcial duma carta em italiano, etc. Mas a verdade é que se lhe fala sempre em «vitima», termo generico que serve para os dois sexos, e o publico ainda não sabe se essa «vitima» foi um homem ou uma mulher, se branco, ou preto, ou amarelo, ou pardo, embora, pelo conjunto de outras circunstancias, possamos ser mais naturalmente levados a pensar que se trate de pessoa de raça branca.

Por todas estas e outras razões, parece-nos não ser nada de estranhar que cada vez possa ser maior o numero dos que pensem que «O Crime da Catembe» é realmente uma novela da sua criação.

Bem sei que há outras circunstancias e outros aspectos, muito de ponderar, (como sejam todas as referências feitas ás autoridades, que o dr. diz pretender auxiliar) que devem levar a conclusões opostas. Mas o que é certo é que vários desses aspectos passam despercebidos a muitos e o publico o que quere é factos concretos e claros e não coisas que levem eternidades a desfiar por entre um nevoeiro de considerações, por muito interessantes que sejam».

Tem razão o sr. Gonçalves em alguns pontos da sua curiosa carta, que evidencia uma excelente observação. Temos, porém, a dizer-lhe que as coisas na vida são o que são e não o que nós desejariamos que fossem. Se estivessemos fazendo uma novela e quizessemos — passe o termo — «impingi-la» como verdadeira, teriamos visto antecipadamente tambem — façam-nos essa justiça... — todos os inconvenientes que nos apontam, e teriamos tido a obstinada preocupação de os evitar para não suceder o que sucede. Mas, como infelizmente assim não é, temos que sujeitar-nos ao inevitavel dos factos e servir-nos apenas dos materiais que a vida nos der... É isto: há romances que parecem realidades e realidades que chegam a parecer romances. Quantas!?

Estamos, porém, quási certos, de que no proximo numero já nos será possivel entrar, com mais precisão, na reconstituição da tragédia.

S. C.

# Maria

conto de **Roque Ferreira**

(*Ilustrações de Vilela*)

Estamos em 19...

É domingo.

Na estrada de macadame em que o sol acende fulgores diamantinos nas particulas da mica, cruzam-se bandos alegres de guapas moçoilas.

Que diferença fazem estas mulheres sadias, fortes e sempre risonhas desse outro ser a que por convenção se está dando o mesmo nome e que brota esquelético, sem vida, sem alegria e sem curvas, nos perfumados salões!

Num dos grupos mais ruidosos ia uma bela rapariga. Os seus cabelos tinham a côr dos trigais quando a foice os condena á morte. Alta, graciosa como a arvéloa, flexivel como um vime. No seu rosto levemente queimado pelos beijos do sol um artista encontraria a linha escultural de uma Venus famosa.

E era pobre, muito pobre.

O João da Eira, rapaz valente e trabalhador como poucos, partira para Africa animado por um desejo muito veemente de angariar o peculio necessário que o colocasse ao abrigo da penuria em que sempre viveu, deixando a sua pequena Maria confiada aos cuidados do irmão, um pobre jornaleiro como êle. O João da Eira nunca lhe tinha falado na mãe, o tio Jorge tampouco.

E Maria cismava que, como as outras raparigas, devia ter mãe; mas uma vez que falou nela apontaram-lhe para o céu.

Do João da Eira nunca mais houve noticias. Correu primeiro que tinha sido devorado pelos pretos: esta versão foi objecto de grandes contendas entre o sr. padre, homem de grande ciencia, mas que nunca conseguiu traduzir o latim nem perceber por que se movia a terra, e o boticário da aldeia, que tinha nascido em Coimbra, o que já era bastante, segundo ele pensava, para lhe dar foros de sábio.

Depois correu outro boato. O João da Eira tinha ido para o sertão e possuia muitas minas de ouro, um exercito aguerrido. Era um potentado.

Rodaram anos sôbre anos; a graciosa Maria tornou-se uma linda mulher de vinte primaveras. Nunca mais se ouviu falar do João da Eira. O cura teimava que ele tinha servido em algum festim de canibais. O boticário, orgulhoso sempre da ciencia que julgava possuir, sorria-se da ignorancia do padre e fincava-se na sua opinião de que o João da Eira era um rei africano.

E tanto o excelente velhote se habituou a esta idea que chamava sempre princesa á formosa Maria.

* * *

Era dia do santo predilecto. Os bons aldeãos atribuiam-lhe virtudes infindas, curas maravilhosas, e pagavam todos os anos o seu tributo de funda gratidão em festas de grandioso espavento. Lá estava o coreto no adro, e defronte a barraca em que se fazia leilão das prendas oferecidas ao santo; pela rua adiante, a unica da aldeia, postes caiados, com galhardetes de cores variadas, e á entrada, um arco de buxo, obra primorosa de um festeiro entusiasta.

Ao meio dia saiu o bando. Á frente um fungagá, e em seguida o mordomo da festa, de capa azul e branca, em cabelo, com uma vara prateada na mão direita e uma salva com bentinhos na esquerda. Tinham agora lugar os outros festeiros, todos de capa, e após eles seis bonitas raparigas levando á cabeça cestos repletos de viandas saborosas, paios, presuntos, galinhas, etc.

Iam em cabelo, vestindo de branco, e da cabeça pendiam-lhes, quási até chegar ao solo, numerosas fitas multicores.

Maria era uma delas, a mais formosa, porque o era de toda a aldeia.

Subito, como por encanto, a musica sus-

pende os seus acordes e o bando interrompe a marcha.

Era o motivo que uma carruagem, caso virgem, se dirigia para a aldeia.

Todos se esqueceram da filarmonica, dos foguetes, do sermão do prior, da procissão, de tudo, emfim, ficando apenas uma curiosidade em toda a aldeia: saber o que vinha ali fazer aquela grande fidalga. Pois devia sê-lo a dama que viajava em tam sumptuosa carruagem.

Esta parou e dela apeou-se uma mulher cujo rosto era velado por um denso veu.

Encaminhou-se para o presbitério, orou, e em seguida mandou chamar o cura.

O que se passou entre eles nunca ninguem o soube.

O resultado, porém, foi o padre mandar chamar Jorge, o tio de Maria, que entrou no conluio secreto e daí a pouco saía da igreja com os olhos marejados de lágrimas.

Maria foi com a fidalga, ao que me contaram, por vontade do tio, que nunca disse por que se separou da sobrinha a quem êle tanto queria.

* * *

Certo dia estava eu em casa duma pessoa rica e considerada, onde havia sido apresentado por um jornalista e poeta meu parente, e falava nos tempos que passei, há bons anos, jornadeando por algumas terras

do nosso belo país, comendo numa aldeia, dormindo noutra.

Derivando a conversa para as festividades religiosas, a que na aldeia se encontra um encanto esquisito que não conseguem despertar as teatrais e espectaculosas cerimonias nos templos de Lisboa ou Porto, lembrei-me então, numa reminiscencia vaga que o tempo tornara confusa, da festa que tinha presenceado na aldeia de ***.

Comecei a descrevê-la, falando do bando, das virgens vestidas de branco com longas fitas multicores pendentes do cabelo, não esquecendo a graciosa Maria e o episódio da carruagem.

Despertada a curiosidade, todas as senhoras me interrogaram, e eu tive de dizer o pouco que sabia.

— E depois, — preguntou-me a dona da casa, — tornou a passar por lá?

— Tornei, sim, minha senhora, alguns anos depois.

— E viu o tal Jorge? Soube do destino da rapariga?

— Jorge morreu de tristeza por ter deixado partir a sobrinha, unica companhia que tinha a alegrar-lhe a vida.

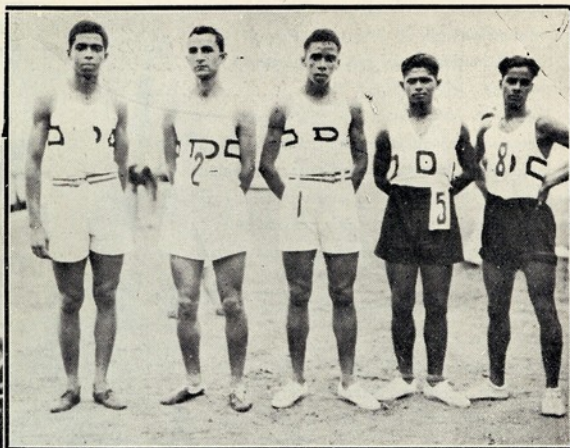
A interlocutora desmaiou.

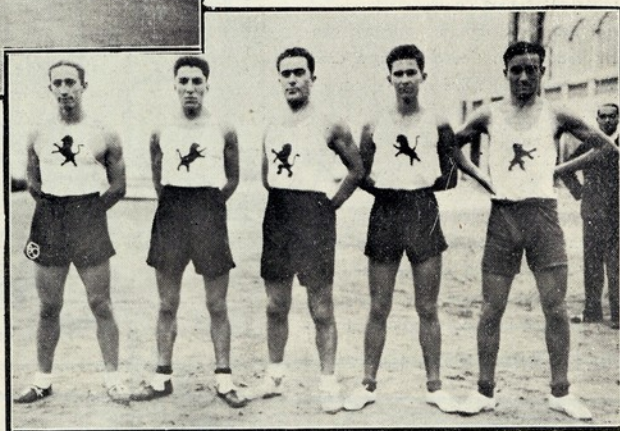
Era Maria.

Denunciou-mo o seu cabelo, que tinha a côr dos trigais quando a fouce os condena á morte.

## CREANÇAS

*Encanta contemplar a alegria das crianças que por estes dias lindos aparecem na Polana.*
*E' vê-las, saltitantes e traquinas, brincando com a areia, tagarelando com o mar e dando milho aos pombinhos da praia que tam docemente lhes vão comer ás mãos.*

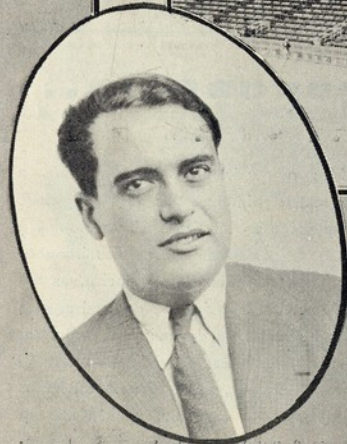
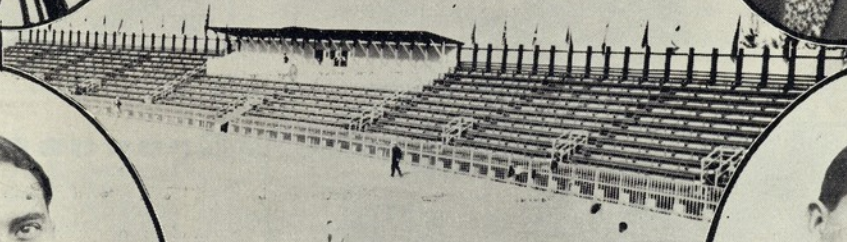
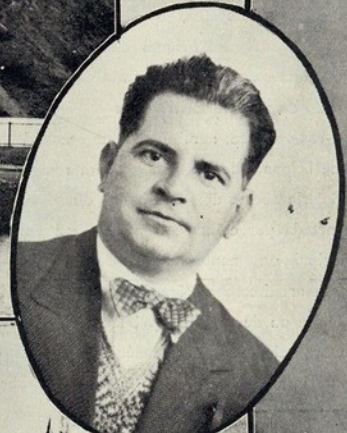
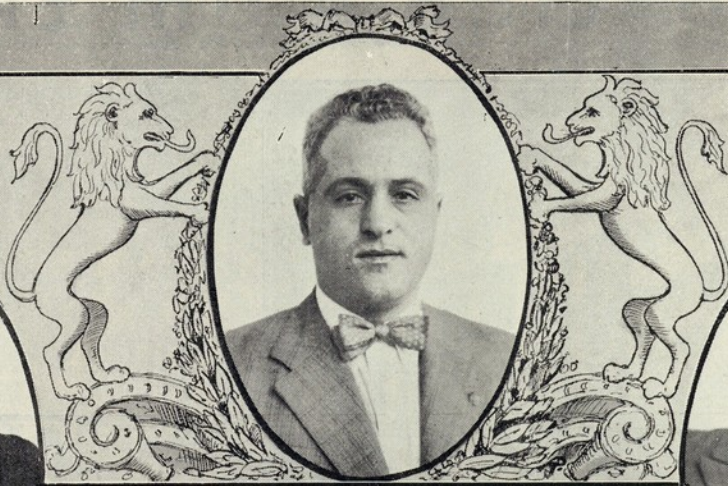
# Actualidades

EM CIMA: A equipe do Desportivo.
EM BAIXO: A equipe do Sporting. A' ESQUERDA: Bento, do Desportivo, à chegada à meta.

O team de hockey em campo do «Pirates Hockey Team» de Joanesburgo que no dia da inauguração do campo do Sporting jogaram com o primeiro team deste club, a quem venceram por 5-3

A Volta à Cidade é uma das raras provas de desportos atléticos que em Lourenço Marques se realizam.

Este ano, voltou a efectuar-se, pela tenacidade do Grupo Desportivo Lourenço Marques, seu organisador, que é verdadeiramente o ultimo reduto do atletismo na nossa terra.

A corrida num percurso de 10.000 metros por estafetas de 5 homens, voltou este ano a ser ganha pelo Desportivo.

Um aspecto do baile do Sporting, realizado quando da inauguração da sua nova sede. — Foto-Portuguesa.

Grupo de pessoas que tomaram parte na ceia à minhota, oferecida ha dias pelo vereador municipal sr. Viriato Viana e sua esposa, em sua casa.

*Foi um grande acontecimento social e desportivo a inauguração das novas e magníficas instalações do Sporting Club de Lourenço Marques, uma das mais importantes colectividades desportivas da nossa terra.*

*O «Ilustrado» registando esse acontecimento presta homenagem à inteligente orientação e ao esforço persistente dos directores do Sporting que levaram a cabo esta obra verdadeiramente notavel.*

Desenho de Possacos.

Clichés de Arnaldo Silva.

# Um portico e um trono

Entre as abundantes ruinas de Apameia do Oronte, fundada ou talvez apenas desenvolvida por Selenco Nicator, o celebre general de Alexandre Magno, origem da dinastia selencida, figura um portico corintio com pedestal, modelo da arte helenistica.

É esse portico, admiravelmente reconstituido pelos belgas, que a nossa gravura representa.

Galeria aberta dos dois lados, ou só de um, suportada por colunas, o portico era um dos principais ornamentos das cidades gregas, cuja beleza arquitectonica era restrita aos edificios publicos ou de utilidade publica.

Obra helenistica e não helênica, o portico de Apameia não tem a pureza das grandes obras do V século; mas, como geralmente sucede com a arte da decadencia alexandrina, essa mesma falta de pureza, tirando-lhe a severidade, empresta-lhe uma graça desconhecida no século de Péricles.

* * *

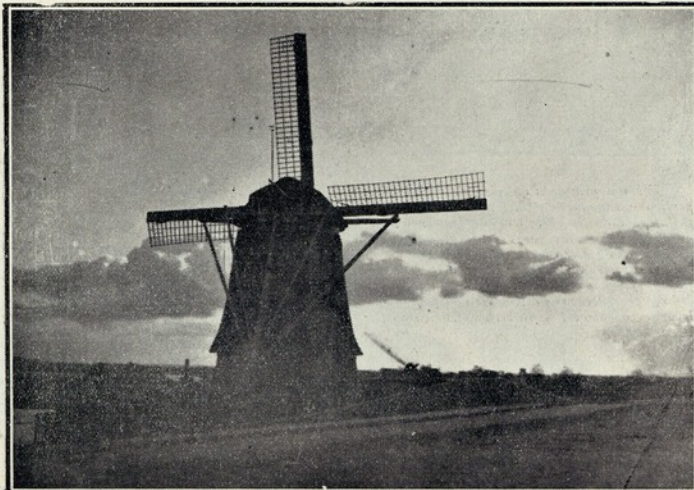
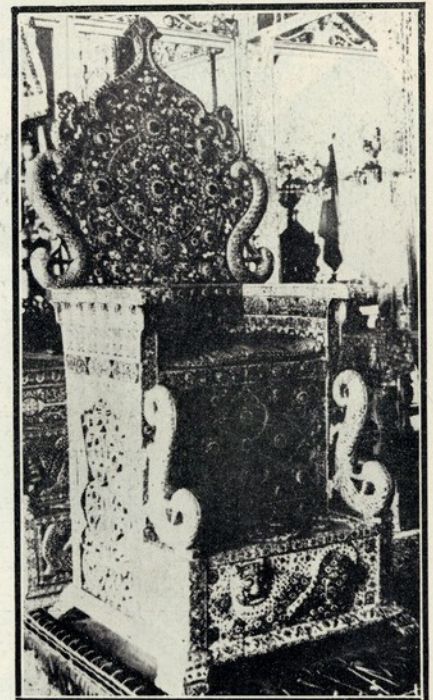
A nossa outra gravura representa o trono do shah da Persia, obra que pode considerar-se de joalharia, embora de joalharia monstruosa. Todo de ouro com incrustações de pedras preciosas, o trono foi avaliado em seis milhões de libras; é certamente a cadeira mais cara que existe no mundo.

Este trono parece-se muito com o trono do shah Abbas, obra notabilissima da arte indo-persa do século XVI; não sabemos, porém, se é o mesmo com o espaldar mais desenvolvido, ou se é outro inspirado naquele.

Seja como for, o certo é que o pobre shah anda a tratar de o vender, considerando que um trono não pode hoje ter nenhuma outra utilidade. Arranjará comprador?

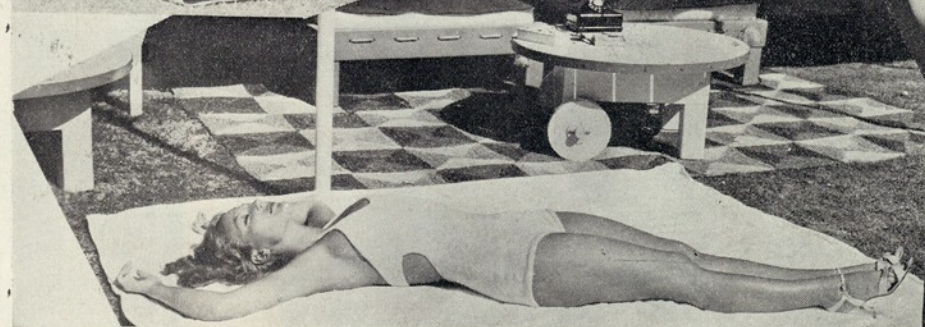
Talvez um salchicheiro de Chicago que a crise americana tenha poupado...

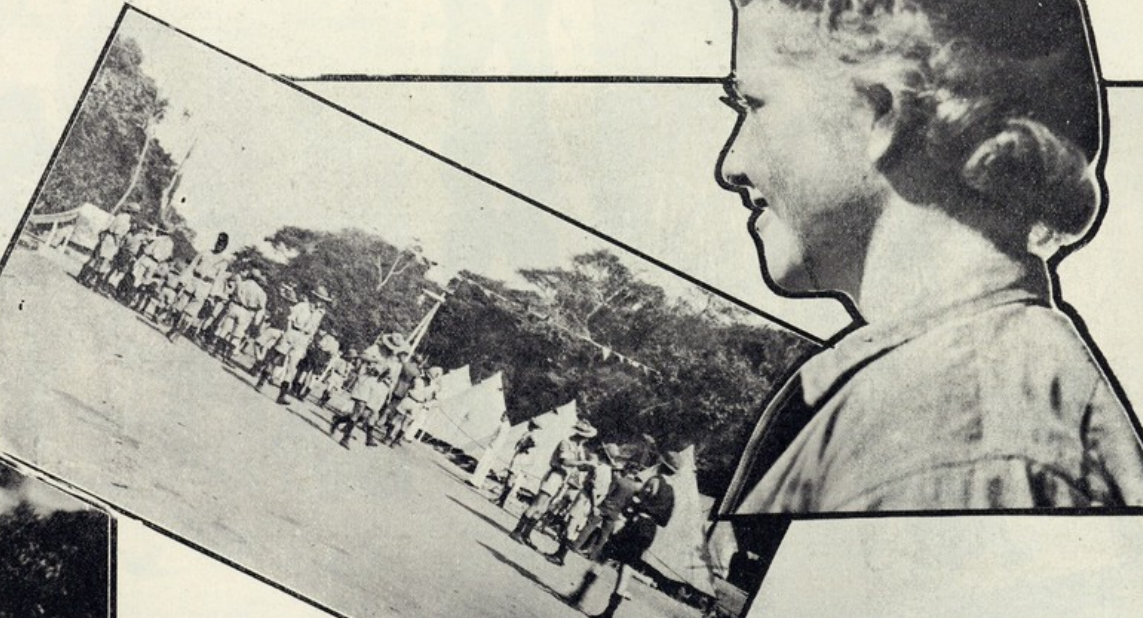
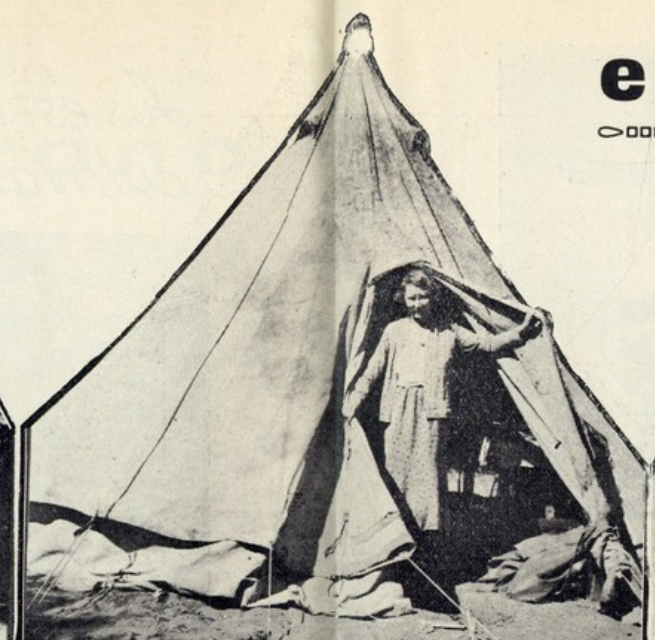
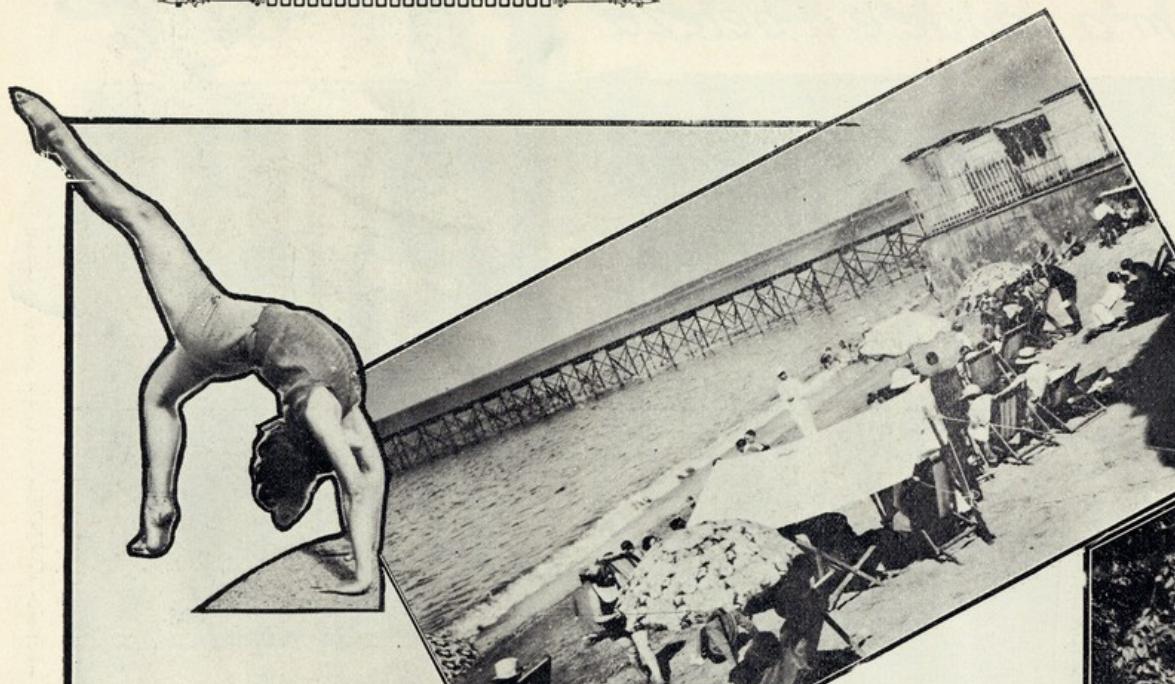
É bem digno de reflexão este sinal dos tempos: o representante, embora não descendente, de Crio e de Dario, oferecendo de casa em casa o trono de seus maiores.

«Sic transit gloria mundi»!

# Crepusculo...

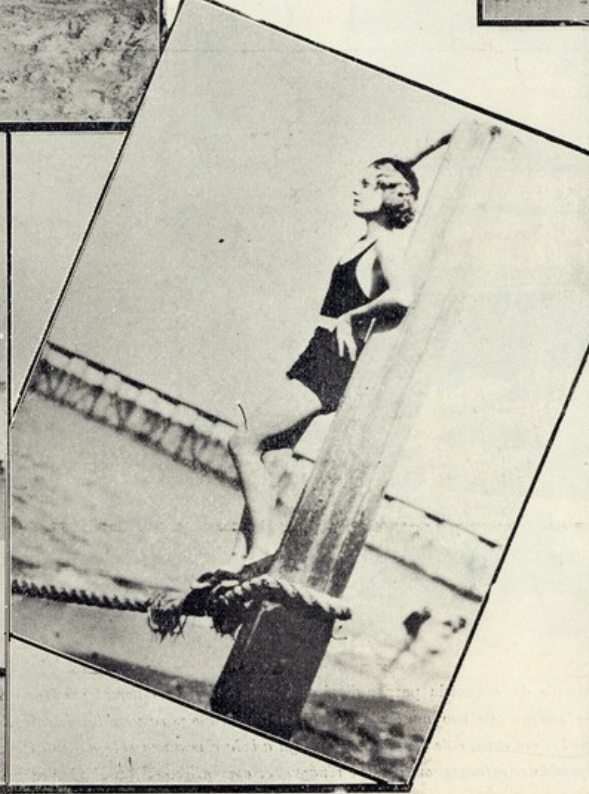
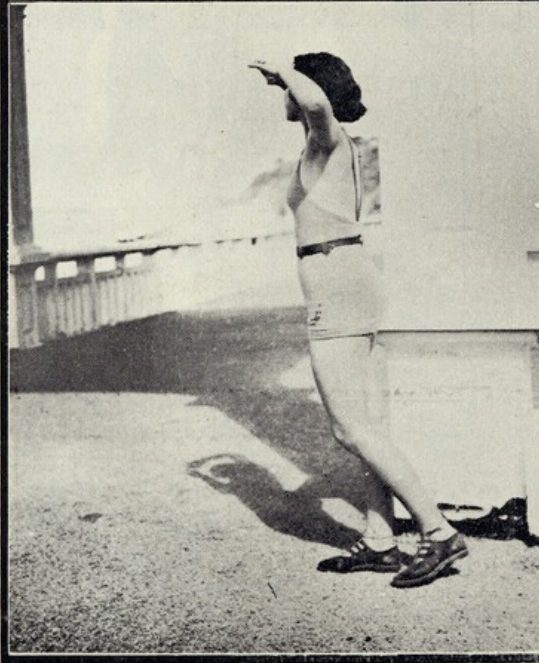
... «Mas o quadrante solar revela-nos a sombra real e palpitante das azas do grande deus que paira no infinito azul, dando-nos a impressão da presença fugitiva mas irrecusavel das horas radiosas. São, primeiro, as horas diafanas, quási invisiveis, da madrugada; depois, as suas irmãs do meio dia, ardentes, crueis, resplandecentes, quási implacaveis; finalmente, as ultimas, as do crepusculo, lentas e sumptuosas, que arrastam, na sua marcha tarda para a noite que se aproxima, a sombra purpurina das arvores»...

Crepusculo... Silencio... Meditação... Recolhimento mistico da tardinha... Hora de sonho e de evocação!...

# As estrelas de Hollywood cultivam a saúde e a beleza

De cima para baixo e da esquerda para a direita: *Grupo de belezas cinematograficas que se preparam para o banho... — Marion Davies sempre que tem um dia de descanço aproveita-o para uma boa cavalgada... — Maureen O'Sullivan faz exercicio de remo... em casa, e de vez-em quando joga a bola com a sua colega Ruth Channing. — Joan Crawford toma um banho de sol depois de se esfregar com azeite e vinagre... aromatico.—Jean Parker exercita-se para a sua «dança dos balões».*

# No Palmar e na Praia

*Durante a Season, que em poucos dias finda, bastantes dos nossos vizinhos da União Sul-Africana vieram iluminar com a sua alegria e o seu bom humor as sombras frescas do arvoredo do Palmar, os toldos e as aguas da Praia.*

*Houve festas, bailes, desportos, escotismo, animados por centenas de sorrisos de mulheres loiras e risadas felizes de muitos centos de crianças.*

*Dessas festas houve uma comissão organizadora cujo grupo é o que se publica á direita.*

De cima para baixo e da esquerda para a direita: *Estranha e original criação da Casa «Reville» de Londres, feita de crepe da china e pintada à mão por um processo secreto. Este novo processo de pintar tecidos presta-se tanto para vestidos interessantes como para decorações caseiras — Lindo vestido de tafetá preto e branco. Os quadrados pequenos são bordados a ouro. O corpo é talhado em forma Imperio e nas costas um grande laço. O modelo é da casa «Ninette» de Londres. — Vestido feito na Casa «Baroque» de um corte que faz lembrar a moda de 1890. Saia de tafetá castanho «creolo» com xadrez de fio de ouro e usada com saia de baixo de tarlatana. O corpo e cabeção são de veludo. — Um dos chapeus ultra-chics, criados pela casa «Marlene» de Londres. Foi lhe dado o nome de «Flip Jack». E' de palha, com fita e laço ao alto, devendo ser usado com um pequenino veu. — Modelo da Casa «Ninette» de Londres, para a praia, com largas calças de azul marinho, grandes bolsos, e com suspensorios que formam um cabeção sobre os ombros. A blusa é de tecido às riscas azuis, vermelhas e brancas.*

# Como elas amam... em Lourenço Marques

Fernando Baldaque o escreveu
Santana o desenhou

«O sentimento humano em toda a parte vive, até no Vaticano...». Disse isto um Cardeal, que comia um faisão com piripiri, numa ceia que o sr. Julio Dantas deu na Quinta da Uva.

Ora, se em toda a parte vive o amor —, vida tem ele tambem em terras de Lourenço Marques, aqui vis-à-vis da Catembe.

A Mulher ama,—é natural — mas cada uma toma o seu aspecto diverso no amor, e êsse aspecto é no fundo a diversidade do seu temperamento, da sua fantasia, da sua aspiração, porque cada Mulher possui uma aspiração muito pessoal...

Vamos sabê-la.

### A CAIXEIRINHA

Esta, que ao soar das 8 horas vai poisar no balcão das lojas da Cidade, rosadinha, pipilante, vestindo a sua bata azul como o céu das suas ilusões, verde como a esperança do seu coração, vermelha como o lume dos seus lábios, preta como a negrura apetecedora dos seus olhos, emquanto vai vendendo sêdas e popelines macias como o seu encanto, pensa no amor que lhe queima a alma e lhe bate ao ferrolho dos sentidos. Ama, ou melhor pretende amar, pois já vai idealizando para marido

um rapazinho todo chibante que deva ser chefe de posto, escriturário do B. N. U. ou aspirante da Fazenda, que a vá buscar ao meio-dia e ás dezoito num «Fiat» ou num «Ford», lhe diga que tem umas lindas mãos para «vendeuse» e «foxtroteie» com Ela nos bailes da A. E. C. I.

Mas como tambem é toda sportinguista, quere que o seu «ideal» jogue no Desportivo!

### A TELEFONISTA

Essa menina, cheia de paciencia e bom humor, que passa quatro horas todos os dias

pregando as cavilhas de comunicação e que, com a sua voz graciosa nos pregunta: — Central?», tem a aspiração «idealifera» de se unir pelos sagrados laços a um segundo oficial dos Correios ou dos Negócios Indigenas, que a faça morar na Machaquene, entre crotons, e que a leve ás soirées do «Nautico», onde a êle se cingirá num tango tão dengoso como a doçura da sua voz quando nos diz: «Está em comunicação».

Como é tambem entusiasta do shoot, quere que o seu eleito use casaco verde com um leão estampado no bolso!

### A DACTILOGRAFA

A figura delicada que um dia inteiro bate os dedinhos mimosos como os seus sonhos no teclado das Smiths e das Underwoods, co-

piando oficios burocraticos, cartas comerciais, facturas e memorandus — essas banalidades de ingrato almaço para mãos perfumadas, tem como visão esperantiva um oficial da Aduana ou um secretario de circunscrição, que lhe compre «toilettes» chics no John Orr, sapatos elegantes no Fabião, a leve a todos os Chevaliers e Garats que se exibam nos ecrans e ás tardes da bola quando se joga em primeiras categorias.

Como quere ser predominante na «hora que passa pelo desporto», faz olhinhos bonitos aos que jogam no Ferro-Viário!

### A MENINA DO ALTO MAÉ

Modesta, bonita, sem orgulhos nem vaidades, fazendo os seus bordados e as suas cos-

turas na varanda da sua morada, sem aspirar a um «auto» pois basta-lhe um machimbombo para transporte, traz nos olhos, como sonho, para seu consorte, um aspirante do telégrafo ou um empregado do comercio, que lhe vá dizer palavrinhas amorudas á cancela, por onde espreitam craveiros e girassois em latas de gasolina.

Mas para ser completo o seu pequenino sonho, aspira a que o seu «Amor» pertença a um team do «1.º de Maio»!

### A MENINA DA POLANA

Uma França! Um Wateau! Uma tempera do Ferreirinha! Um Nankim do Vilela!

Chic, sempre chic, peles fartas no abafo e pernas ao vento. Enluvada, elegante, perfumada como um Nally ou um Noblesse, tem aspirações mais largas, horisontes sonhativos mais rasgados...

Flarteia nos toldos da «beach» emquanto a silhueta do seu «maillot» se exibe; flarteia nos «courts» emquanto a sua «raquette» vinca a elegancia duma tarde; flarteia no Grémio Militar, emquanto o «one-step» a inebria, e só pretende para a trazer da Paroquial o braço dum Administrador de circunscrição, ou, melhor ainda, dum doutor, que a emboneque, a

presenteie com um «Buick» para ela «volantear», lhe compre bibelots na Rubi e todos os anos lhe dê um «holiday» em Joanesburgo ou Machadodorp!

### TODAS ELAS

Olhos azuis, verdes, castanhos, garços e negros; cabelos louros como estrigas, queimadinhos como a côr do mel, castanhos encantadores, negros como o azeviche, brilhantes como as estrelas das noites calmas; rostos morenos, rosados ou palidos, todas elas, «tadinhas!» sonham um unico sonho:

Uma fotografia no Camacho, no Silva ou no Hocking, um vestido muito branco e cinquenta damas de honor!...

E todas Elas pensam que amam, mas se calhar é por engano!

# ACTUALIDADES

*Dois aspectos do grave desastre que se deu no dia 20 de Julho num páteo da Avenida Luciano Cordeiro onde ficou soterrado Abilio Teixeira e dois indigenas que com ele trabalhavam na construção do dreno duma fossa.*

*EM CIMA (à esquerda): Assistencia ao baile realisado em Porto Amelia para inauguração da sede do seu Gremio (primeira fotografia a magnesio tirada naquela vila); à direita: O Junkers W 34, Z. S. — A. E. B., tripulado pelo major Miller, chegado a Lourenço Marques na quarta-feira 27 de Julho, vindo de Durban.*

*EM BAIXO (á esquerda): O sr. Consul da França, Mr. François Richard, no dia da Festa Nacional do seu Paiz, rodeado de pessoas que o foram cumprimentar, vendo se entre elas o sr. capitão V. de Waegenaere e o sr Presidente da Camara Municipal de Lourenço Marques; á direita: O major Miller, o seu mecanico e uma senhora que o acompanhou como passageira do seu Junkers, momentos depois da sua aterrissage.*

# SPORTING

Em cima, á direita: *Melle. Manuela Zilhão, lançando champanhe sôbre o campo.* A' esquerda: *Melle. Manuela Zilhão, com a direcção do Sporting.* Ao centro: *O sr. Encarregado do Governo, tendo á sua esquerda o sr. Dr. Rosa de Oliveira, consul de Portugal em Joanesburgo, depois da sessão inaugural.* Em baixo, á esquerda: *A chegada do sr. Encarregado do Governo.* A' direita: *Melle. Manuela Zilhão, no momento de inaugurar o novo campo, dando a esticada de saída.* — (Clichés de Arnaldo Silva e H. Alcobia).

# Nas passagens desta vida...

## "Nem sempre galinha, nem sempre sardinha"

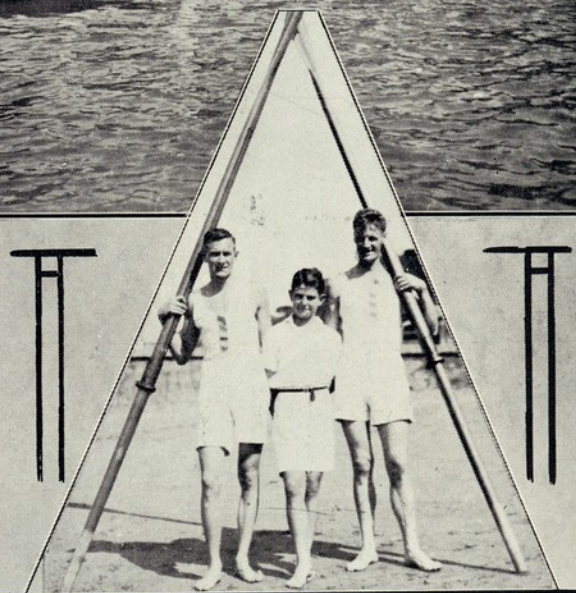
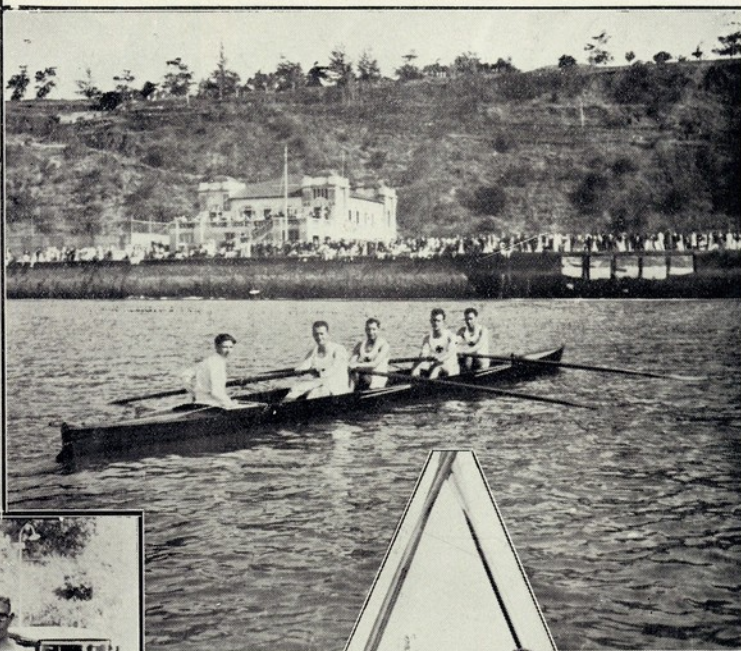
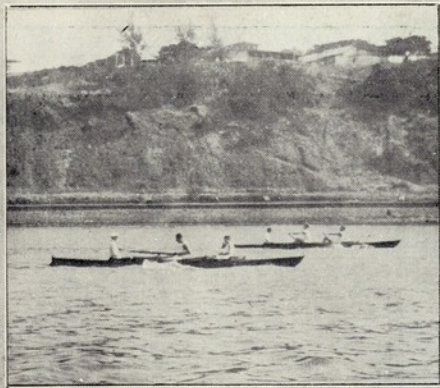
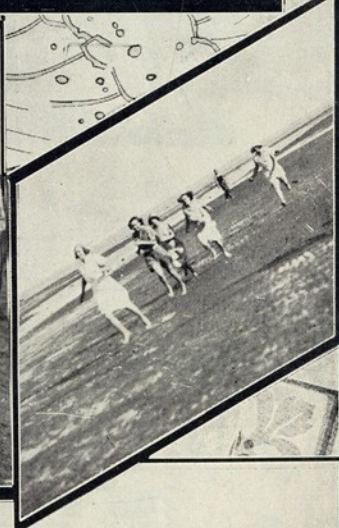
Antes, eu era assim chupadinho pelo cuspo das estampilhas!

Agora, sou assim depois de ter tomado a ovomaltine da equiparação!

Antes, era nedia e anafada como qualquer mortal que tomasse o chocolate Matias Lopes das . . . percentagens!

Agora, sou tal qual o esqueleto duma donzela histerica recitando o «Noivado do sepulcro» . . . das horas extraordinarias!

# AS REGATAS do Gremio Nautico

*De cima para baixo:* A' ESQUERDA: A corrida de «outrigger». Corrida de baleeiras tripuladas por marinheiros do «Carvalho Araujo». As tripu ações dos «inriggers». No primeiro plano a de Lourenço Marques, no segundo plano a de Boksburg. O gasolina que trazia a seu bordo o juri de honra presidido pelo sr. Encarregado do Governo. Á DIREITA: As tripu ações vencedoras.

*Alguns aspectos das festas desportivas na praia da Polana organizadas pelos turistas que fizeram o «camping» no Palmar, vendo-se ao centro um grupo de senhoras incitando entusiasticamente os competidores das provas.*

Esperanças e desilusões. . .

# Onde está a felicidade?...

— *Despresei-a estupidamente, miseravelmente, por... covardia.*

(Desenho de Vilela)

Acabara o jantar. E os três amigos, com o estomago repleto — pois haviam comido com apetite, ao sabor da conversa, que decorrera animada — experimentaram, simultaneamente, ao café, a necessidade duns momentos de concentração. E a conversa esmorecera insensivelmente e caira no silencio... Caso raro, porque, geralmente, é ao fim das refeições, bem regadas como fôra aquela, que a animação aumenta... Pois não é?

Acenderam os charutos, em silencio, e ficaram-se, calados, a seguir as caprichosas e enigmaticas espirais de fumo...

O criado veio servir os licores.

— Triple-sec? Beneditine?—preguntou Adolfo, o dono da casa.

— Triple...

— Tens conhac?

— Tenho.

— Prefiro...

— José, traz conhac para este senhor.

E o silencio caiu de novo, compacto, inexplicavel, mas não incomodo. Um desses silencios bons, de que nos fala Maeterlink, em que as almas parecem entender-se sem que, para isso, seja necessária a troca de palavras... Dir-se-ia que naqueles três espiritos se estava fazendo um trabalho identico de evocação do passado, percorrido quási em comum, e que um mesmo problema os preocupava a todos.

Adolfo foi o primeiro a cortar o silencio, a pensar alto, como se falasse na sequencia da conversa e adivinhasse o pensamento dos outros:

— Na verdade, meus caros, a vida é muito complexa e a busca da Felicidade, para que tendem todos os nossos passos, é tudo quanto há de mais enganador.

— Se é... — murmurou Carlos, mascando o charuto, emquanto Eduardo, sorvendo o conhac, fazia com a cabeça um circunspecto sinal de concordancia.

— Muitas vezes penso — continuou Adolfo — em como a Felicidade deve ter estado proxima de mim e como a despresei estupidamente. Nunca vos contei...

— Mas conta...

— Quando acabei o meu curso de medicina e que vos deixei ainda na Universidade, conheci uma rapariga adoravel. Não era um tipo de beleza. Longe disso! Mas tinha uns olhos esplendidos, profundos, luminosos, que sabiam dizer, com simplicidade e clareza, aquilo que mais nenhuns me disseram até hoje. Ler neles — o que era facil — era ler na sua alma. E ler nas almas — especialmente nas das mulheres — é tarefa bem dificil, como vocês infelizmente sabem... Aqueles eram uns olhos dos quais podemos dizer, na verdade, que eram o espelho daquela alma. De toda a sua fisionomia se desprendia uma suave expressão de simpatia e de bondade e o seu corpo, equilibrado e gracioso, valia por uma lirica de João de Deus... ou por uma serenata de Mozart...

— Estás romantico...

— Sempre o fui. Pois, meus amigos, essa adoravel rapariga, que morria de amores por mim, e que, durante uns poucos de anos, me votou uma profunda dedicação, — a ponto de perder dois casamentos bons — eu despresei-a! Despresei-a estupidamente, miseravelmente — por... covardia.

— Por covardia?!

— Sim. Por covardia. Embora de honesta e excelente familia; embora educada; embora tendo aos vinte e cinco anos, a par de bom senso, uma simplicidade invulgar, — era de modesta condição. E eu... senhor doutor, acabado de fresco o meu curso de médico, deslumbrado com os pergaminhos da minha gente e sonhando com vãs gloriolas cientificas e sociais, não tive a coragem nobre de romper com tudo isso para erguer até mim a unica mulher que me merecia. Nem reparei em que, se o fizesse, seria eu que moralmente me ergueria até ela — tal era o precioso tesouro da sua bondade e das suas tão raras virtudes!

— Exageras, talvez...

— Não exagero. Era assim. Pois bem. O que tem sido a minha vida sabem-no vocês. Os meus insucessos amorosos, as minhas loucuras, os meus desvarios, as torturas morais por que passei — tudo vocês conhecem. E hoje, com cinquenta e três anos, solteirão, sem um lar, sem um afecto seguro e bom, eu penso muita vez, que andei á busca da Felicidade por atalhos perigosos e falsos, quando, afinal, teria sido tão fácil, para mim, poder colhe-la: bastaria apenas, para isso, ter estendido a mão...

Um novo silencio, pesado e prolongado, caiu entre os três, como se cada um, á luz daquela evocação lamentosa, estivesse analisando o fracasso estrondoso de todos os seus anceios...

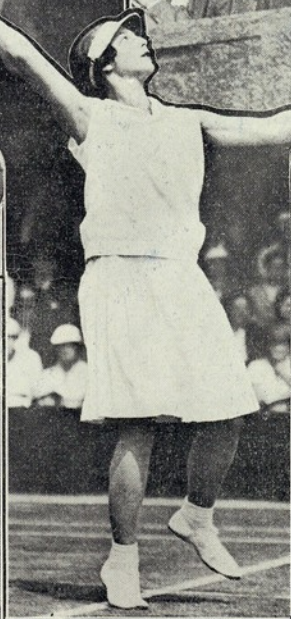
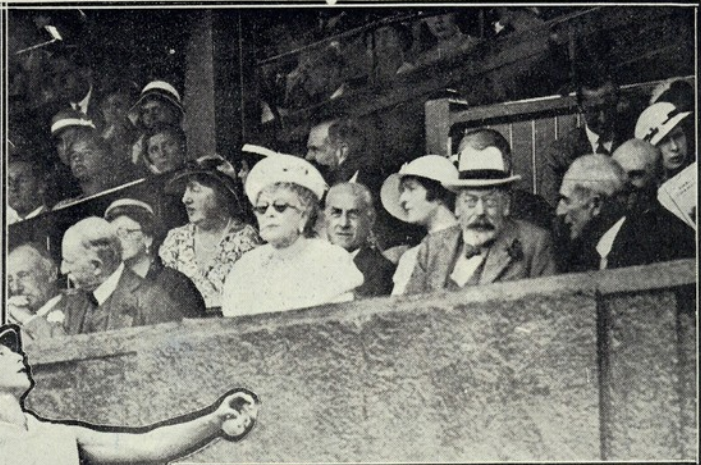
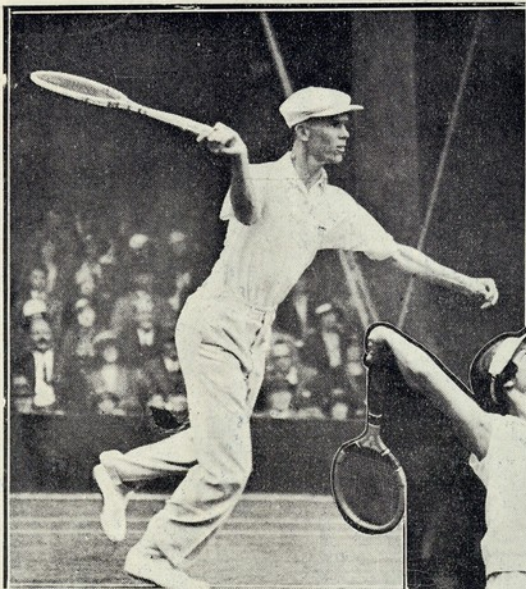
Por fim, Eduardo, cabisbaixo, mirando a cinsa do charuto, comentou, sentencioso e triste:

— A Felicidade... está sempre dentro de nós! Só dentro de nós. Mas... quando damos por isso... é tarde, quási sempre...

Eram nove horas da noite... Numa casa proxima, uma grafonola rompeu a tocar a «Dança macabra»...

S. C.

LUCILIA DOUWENS
Professora diplomada e inscrita no Conservatorio de Lisboa. Lecciona piano, violino, harmonia e rudimentos, segundo o programa do mesmo Conservatorio.
Av. Duqueza de Connaught, 17

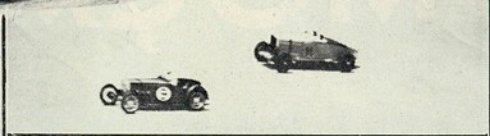
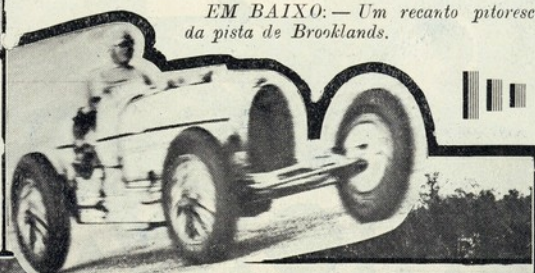
TODDY — E' agora a altura de o tomar quente:
Afasta o frio
Revigora o organismo.

# Imagens de Wimbledon

*Durante os campeonatos de Inglaterra: Suas Magestades assistindo do camarote real, tendo á esquerda «Earl» Jellicoe, presidente da Lawn-Tennis Association; Ellsworth Vines, o grande campeão americano; Mrs. Moody (Helen Wills) a vedeta mundial do tenis feminino; Señorita B. Pons (Espanha) que fez sensação em Wimbledon exibindo um vestido sem costas... ou umas costas sem vestido.*

* * *

*O conde Stanilas Czaykowski, no Bugatti em que bateu todos os records na pista de Brooklands, ganhando as 125 milhas do «British Empire Trophy» a uma velocidade de 123,58 milhas por hora.*

*EM BAIXO: — Um recanto pitoresco da pista de Brooklands.*

*Em Inglaterra há um campeonato de golf entre os parlamentares! Na semi-final, êste ano, o Principe de Gales bateu Lady Astor.*

Já não quero outro:
Agora o
SABÃO
DE
MOÇAMBIQUE
Lava bem!